

# Sentido e significação

Mara Selaibe

O processo de sublimação se dá através da conjugação de duas dimensões da linguagem: o sentido – trânsito perpétuo – e a significação – forma estruturada. Este artigo parte da diferença e da articulação entre elas.

**D**e que modo impressões sensoriais e de que modo estados corporais brutos são transformados em algo a que se possa atribuir, num determinado momento, uma natureza psíquica capaz de expressar sentido? Dito de outra maneira: como a presença de impressões sensoriais emergentes nas sessões de análise chegam a ser processadas a ponto de se tornarem pensáveis ao invés de permanecerem apenas como vivências desconexas?

Se os desafios do trabalho psicanalítico nascem, por definição, da cena transferencial, eles, para serem pensados, pedem a ultrapassagem de cada cena em si, através da admissão de algum modelo – sempre parcial – de constituição e funcionamento psíquico. É dessa perspectiva que remeto o leitor a uma situação clínica exemplar do problema acima enunciado, passando, em seguida, a desenvolvê-lo no terreno da metapsicologia.

Uma garotinha contando 7 anos de idade vem à análise. Fora encaminhada pela fonaudióloga. Conforme relato da mãe, a menina era “geniosa, birrenta”; nunca aprendera com a mesma facilidade de outras crianças e,

aos dois anos, quando do nascimento de um irmão, apresentou febres altas que não cediam com antitérmicos, tendo chegado a sofrer convulsões algumas vezes. Isso só voltara a acontecer, quatro anos depois, no dia em que o pai deixou a casa em função da separação do casal. Estava na escola desde os cinco anos e até aquele momento aprendera pouco a leitura e a escrita: iria repetir o ano. Na opinião da mãe, sua filha deixava transparecer limites mais estreitos do que os de outras crianças, mas o médico lhe dissera “que a menina não tinha nada na cabeça”...

Desde o início de nossos encontros, a garotinha se mostrava disposta a entrar na sala comigo. No primeiro dia, tirou os sapatos, despiu as meias e a calcinha, subiu numa poltrona, levantou a saia do vestido, girou em torno de si, sempre sorrindo, dando-se a ver. Depois desceu dali, vestiu-se, olhou tudo que tinha para ser

**Mara Selaibe** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Este texto resulta de minha pesquisa para a tese de doutoramento em Psicologia Clínica, defendida na PUC/SP, em 19/9/01, sob o título *Transpassagens: um estudo diferencial entre o sentido e a significação na clínica psicanalítica*. A pesquisa contou com o apoio da Fapesp – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

olhado, abriu a caixa com brinquedos e propôs fazermos bolinhos de massinha que iam para uma panela, também de massinha, que tinha de ficar rigorosamente tampada. Fora isso, todos os objetos da caixa foram meticulosamente enfileirados e assim permaneceram por vários outros encontros.

Panela com tampa, janela fechada, porta trancada e tentativa de se encerrar num armário onde mal cabia: esses são os registros mais iniciais do trabalho que se estendeu por alguns anos. Nos primeiros tempos era preciso que eu mantivesse grande atenção para poder compreendê-la quando falava. As palavras se embolavam entre si e havia trocas de letras. As frases nem sempre eram ligadas por conectivos. Se eu interditasse alguma coisa, sua ira era imediata: sabia muito bem usar os pés para chutar, os dentes para morder, e a língua para xingar.

de a garota, durante um acesso de raiva, perder o controle esfinteriano e urinar. Os acessos violentos, em contrapartida, iravam a mãe e deprimiam a criança. Mas, no mais das vezes, era uma menininha muito sorridente e simpática.

Mais adiante e durante um longo período, sessão após sessão, ela pedia que eu fechasse tudo, deixasse a sala escura e propunha a seguinte brincadeira: ela fazia de conta que dormia e então “aparecia um bicho” – que ela descrevia como se estivesse numa das paredes da sala. O bicho a ameaçava, impedia-lhe o sono e ela se assustava. A mim cabia espantar o bicho e acalmá-la dizendo: “Pronto. O bicho já foi, viu filhinha. Pode dormir outra vez.” Não gostava se eu falasse a consigna diferente ou que me expressasse dizendo algo a mais. Mandava-me calar as interpretações. Tudo era repetitivo, monótono, previsível,

discriminar entre a alucinação e o sonho. Em algumas ocasiões chegava de fato a dormir e rressonar até que, ao término da sessão, eu a despertasse.

## Considerações clínicas

Para a pequena paciente, os próprios pensamentos não eram suportados psicologicamente, mas vividos como um a mais de estímulo, um fator de perturbação e desestabilização a ser descartado através da ação motora promovida pela musculatura da boca e dos membros. Seu falar se prestava, nesses momentos, para arremessar os pensamentos-coisa fora da personalidade, não havendo comunicação de idéias. O trabalho de escoamento dispunha de força para esvaziar a fala de sentido, reduzindo-a a pedaços de coisas ejetadas de si, sobre os objetos, sobre mim e até sobre ela mesma. Ou ainda, sob certo estado psíquico, experimentava sua imaginação não como idéias propriamente, mas como se fosse, por exemplo, algo sensorialmente visto. O conjunto dessas situações é testemunha contundente de uma impossibilidade de suportar a ausência do objeto provedor, criando algo em seu lugar. A menina reagia ao sofrimento nascido da fantasia inconsciente da presença de um objeto mau em seu interior.

A proposta de encenação do terror noturno era dela. Era ela quem sabia qual o papel que cabia a si e qual o papel que cabia a mim. Tudo se passava como se ela discriminasse muitíssimo bem o que era sonho, o que era alucinação, como acalmar uma criança, como conter a ansiedade provocada por fantasias edípicas etc., etc. Rejeitava veementemente qualquer interpretação e qualquer movimento autônomo de minha parte. Enfim, sendo assim, para que me solicitava? Sua maneira de estar nessas sessões me recor-

**P**ara a pequena paciente, os próprios pensamentos não eram suportados psicologicamente, mas vividos como um a mais de estímulo, um fator de perturbação e desestabilização a ser descartado através da ação motora.

Perdia o controle e destampava sua fúria. Era necessário contê-la fisicamente. Segundo a mãe, já ocorrera

mas tinha importância estruturante. Ela me destinava a função de lhe guardar o sono, e de auxiliá-la a

da a frase, até certo ponto freqüente em pacientes adultos, “Eu sei tal coisa e tal outra coisa, mas saber não muda nada. Continuo sentindo como se eu nada soubesse...” Essa estratificação ensina a propósito da dificuldade de pensar/integrar um pensamento quando o trânsito entre consciente e inconsciente encontra-se prejudicado.

Ela mimetizava bem o dormir e o sonhar tanto quanto o prejuízo do sonho vivido alucinatoriamente. Contudo não podia, sozinha, dormir e sonhar de verdade. Aí está o ponto principal. Apenas quando aconteceu de adormecer na sessão foi que ela passou a experimentar uma situação interna não persecutória. Precisava viver com sua analista, sob o abrigo de minha presença psíquica, a repetição de seu terror. Nada absurdo perguntar se, aceitando sua consigna, a análise não ficaria submetida ao despotismo infantil, correndo o risco de fortalecer um superego, em termos, empedernido.

Em contrário, argumento que o ato de acolher sua direção de cena traduziu-se na oportunidade para ela brincar de sonhar o sonho-mau alucinado; aquele que, por identificação projetiva, chegava a experimentar sensorialmente através da visão do bicho de seu terror noturno. O trajeto específico e ordinário do processo analítico fortaleceu as condições do *self* e, em decorrência, aumentou a capacidade simbólica e verbal da paciente, testemunhando passagens de elementos sensoriais brutos para a materialidade inefável, não-sensorial do sentido.

### **Aproximações metapsicológicas**

Se, de início, a apresentação do trabalho analítico e as considerações a seu respeito serviram para locali-

zar o tipo de questão proposta, de agora em diante, tanto uma quanto outra permanecerão apenas no horizonte das elaborações subseqüentes. Circunscrever clinicamente as passagens que levam elementos sensoriais a ganhar expressão psíquica é, de fato, um recurso de proporções relativas. As situações clínicas são sempre híbridas e as sutilezas dos funcionamentos psíquicos estão

contratransferência não há interesse em que o analista se adiante e atribua significações àquilo que ele mesmo experimenta nas sessões ou às produções de seu paciente. Interessa acompanhar tudo aquilo que, nesse jogo, implica analista e paciente para que seja favorecida a chance de acolher os traços marcados por este ou aquele movimento pulsional de cunho infantil que pas-

Uma análise serve para favorecer o ir e vir de uma espécie de onda psíquica, desenhada pelo investir e desinvestir da pulsionalidade nos objetos sob forma de fantasias inconscientes.

longe de se prestar a exemplos comprobatórios pura e simplesmente. Seria mera ingenuidade cair na armadilha de dizer que o sentido de tal rede associativa, ou de tal sonho, ou de tal sintoma ou de tal trama transferencial é este ou aquele. Ao contrário, todo esforço encontra-se em destrinchar as mediações imprescindíveis para discriminar o plano genético e movente da produção do sentido do plano representacional da significação.

Para além do exemplo dado, e de uma maneira mais abrangente, no jogo entre a transferência e a

sa criando rastro; uma análise serve para favorecer o ir e vir de uma espécie de onda psíquica desenhada pelo investir e desinvestir da pulsionalidade nos objetos sob a forma de fantasias inconscientes. Assim, se decantam *insights* e interpretações pelas quais transitam sentidos.

A transformação de impressões sensoriais e vivências corporais brutas em algo pensável inclui-se no âmbito geral dos processos de simbolização e, neste artigo, irei abordá-lo especialmente discriminando as noções de sentido e signi-

ficação. A produção de sentido e as formulações de significação não coincidem. Elas comportam entre si passagens em transformação que percorrem o caminho que leva do soma até o regime da simbolização incluído nos domínios do eu, da linguagem e do pensamento. Há então uma dupla direção a ser considerada: de uma parte, o modo como se instaura o próprio mundo psíquico e, de outra parte, a discriminação entre o sentido e a significação quando já existe um eu capaz de linguagem e pensamento.

Em 1961 Bion descreve o aparelho protomental que aloca funções da mente nas quais estados corporais e emoções são indiferenciados.<sup>1</sup> Um ano mais tarde, tendo em conta a acoplagem mãe/bebê, teoriza que tais estados e emoções chegam a ser comunicados à mãe pelo bebê através da identificação projetiva. A mãe, então, experimentará aquilo que o bebê está vivendo e ela disporá da chance não apenas de acolher essa vivência projetada, como também de transformá-la com seus recursos psíquicos e devolvê-la ao bebê como parte da personalidade dele, mas de forma e modo que agora possa vir a ser manejado pelo próprio bebê. No limite, a função dessa função-alfa<sup>2</sup> materna é prover condições para o desenvolvimento de uma função-alfa na própria criança. Tal função implica a produção de elementos que são como as imagens visuais dos sonhos. Freud chamava essas imagens de processo primário. Para Bion, o processo primário freudiano passa a ser compreendido como as “impressões da experiência emocional”. Já a transformação sobre esse processo – o processo secundário – passa a ser descrita por Bion como “pensamentos do sonho”.

Assim abordados, os sonhos não se dispõem exatamente ao modelo clássico de interpretação do conteúdo latente através da trilha

induzida pelo conteúdo manifesto. Não se busca qualquer conteúdo latente a ser interpretado para emergir à consciência, mas trabalha-se para que as impressões sejam processadas/pensadas a fim de terem seus significados compreendidos. Esse ato de pensar permite que se vá “reconhecendo seu (do sonho) sentido e construindo seu (do sonho) significado”<sup>3</sup>.

O caminho indicado para a aquisição da linguagem passa, antes de mais nada, pela operação de transformação da função-alfa sobre os elementos componentes da experiência emocional. Experiência

nome, não traz idéia, não é estruturada, mas é de onde surge a vocação de abertura para uma área de sentido.<sup>4</sup>

A consciência sensorial/pática do bebê e a *rêverie* da mãe precisam estar interagindo constantemente sob pena de não se instaurar a diferenciação consciente/inconsciente e portanto, de não se passar da vocação de abertura para a criação propriamente de uma área de sentido que cada qual tem de conquistar para se subjetivar: reconhecer-se como sujeito, referir-se a si como “eu”, ainda que levado a admitir que o si mesmo não cabe nos

A consciência sensorial/prática do bebê e a *rêverie* da mãe precisam interagir constantemente, sob pena de não se instaurar a diferenciação consciente/inconsciente.

emocional talvez seja ainda um nome vago. Penso nela como uma experimentação sensorial/pática, uma experimentação a partir do conjunto das sensações primeiras que compõem as vivências. Justamente nessa condição inaugural, não há conceito: nada significa; trata-se do antes do conceito, da matéria prima mais básica, mais virgem e, por isso mesmo, mais significativa. Ela não traz contorno, não traz

contornos do eu e que o eu pode ser capaz de roçar o sentido no momento em que articula as linguagens (verbais, corporais, estéticas, sígnicas etc), mas jamais de defini-lo, possuí-lo, esgotá-lo ou paralisá-lo. A gênese do conceituar não é a mesma do subjetivar e, no entanto, o sujeito pode se expressar através de recursos simbólicos por ter sido relativamente bem sucedido nas passagens que lhe conferem a cons-

trução de sua própria função-alfa subjetivante. Sérias e repetidas dificuldades com essa dinâmica mantêm a sensação num estado bruto, exigindo do bebê algo que está além de suas condições.

O rumo dessas considerações se aplica perfeitamente à clínica com pacientes psicóticos ou limítrofes. Entretanto, a atenção neste artigo não está voltada para distúrbios de pensamento nessas configurações psicopatológicas. Meu convencimento a propósito da divisão instaurada por Bion entre partes psicóticas e não-psicóticas presentes nas personalidades de pacientes psicóticos e não-psicóticos atizou meu interesse diante de situações delimitadas pela clínica dos chamados neuróticos, mais ou menos graves, nas quais se apresentam certas dificuldades na esfera do pensamento e da simbolização.

Uma análise tem de se passar no campo do sentido. Isso pode até parecer óbvio a analistas e pacientes. Mas o óbvio torna-se imediatamente obscuro quando tentamos ser rigorosos na busca de um entendimento do que seja o campo do sentido sem o confundir ou sem o sobrepor à significação. É aí que se inicia um debate metapsicológico com entradas e derivações teóricas. Um tipo de debate inevitavelmente inconcluso. Entretanto a experiência ordinária do exercício psicanalítico pede que ele seja empreendido.

Se num processo analítico diz-se que algo faz sentido, isto é uma maneira de dizer: ninguém poderia afirmar ter encontrado o sentido numa interpretação, por exemplo. O sentido passa (sem se deter) pela interpretação que assume certa forma estável na linguagem quando, enfim, algo significa. Dessa maneira, por mais que a problemática sobre a gênese primária do sentido, sobre a organização secundária da significação e sobre o funcionamen-

to entre elas se ancore nos planos metapsicológico e filosófico – planos com os quais, aliás, é sempre interessante e necessário trabalhar – ela é, sem dúvida, uma proble-

dispersiva; o segundo, a fantasia inconsciente como a menor elaboração psíquica possível, que reúne a fonte pulsional, o objeto e o fim no conflito entre as pulsões de vida

O plano do sentido é contemporâneo à instauração do psiquismo e à delicada construção do eu. Neste momento, três elos se conectam: o corpo, a fantasia inconsciente e a função-alfa.

mática encarnada no dia-a-dia do ofício de psicanalista.

Não cabe aqui detalhar os tantos ângulos conceituais e suas subsequentes articulações que de pronto se apresentam quando enfrentamos esse problema. Seria uma desmesura, sem dúvida. Retomo, então, apenas alguns pares de expressões empregadas no texto até aqui: plano genético e movente da produção do sentido/plano representacional da significação; produção de sentido/formulação de significação; gênese primária do sentido/organização secundária da significação.

O plano do sentido é contemporâneo à instauração do psiquismo e à delicada construção do eu quando, então, ao menos três elos se conectam impreterivelmente. O primeiro deles é o próprio corpo como fonte da pura insistência pulsional

e de morte. Portanto, a fantasia inconsciente como a organização inaugural do psiquismo; e, terceiro, a função-alfa como uma ferramenta que tem de ser usada entre o psiquismo nascente, que se encontra numa dimensão virtual, digamos, e um outro psiquismo que exerça a função materna.

O corpo como fonte das pulsões tem, ele mesmo, um caráter assimbólico. A pura insistência pulsional goza uma natureza a-subjetiva e pré-pessoal (daí a necessidade da função-alfa para a criação da subjetividade). Mas, através da mistura entre as pulsões de vida e de morte, a pura insistência pulsional se conecta imediatamente aos objetos e, então, se expressa através da fantasia inconsciente que surge dessa própria operação. Sob a interferência da ação mutativa da função-alfa materna, a fantasia inconsciente se faz expressão do *self*.

Nessa passagem também se opera a erogenização do corpo e o psiquismo se instaura incluindo um tipo de simbolização primária. Entretanto, só mais além, quando o eu estruturado puder desfrutar da linguagem e do pensamento é que haverá a conquista de uma simbolização secundária. O pivô desta maneira de pensar reside na clássica noção kleiniana de fantasia inconsciente – não sem discuti-la e atribuir-lhe uma posição estratégica inovadora.

Em 1933, Freud escreve: “Supomos que (o id) está em algum lugar em contato direto com os processos somáticos e deles recebe as necessidades instintivas, dando-lhes *expressão mental*”<sup>5</sup>. Em 1943, Susan Isaacs define a fantasia inconsciente como “conteúdo primário dos processos mentais inconscientes”<sup>6</sup>. O que Freud chama de “expressão mental” da pulsão é o que Isaacs afirma ser a fantasia inconsciente, entendida como o mínimo necessário para que se instale um universo psíquico. Dessa maneira, a fantasia inconsciente é o “representante psíquico da pulsão” e nada pode ocorrer no nível pulsional que não seja apreendido como fantasia inconsciente.

Mas, atenção! Se a expressividade das qualidades psíquicas e dos afetos tem destaque na fantasia inconsciente isto, para mim, não quer dizer que se possa simplesmente atribuir o estatuto dessas fantasias a conteúdos de significação. Acho, sim, que o estatuto das fantasias inconscientes, antes de mais nada, está na relação que conecta o impulso pulsional dispersivo (despertado pelas sensações corporais mais iniciais) ao objeto parcial. O impulso pulsional é um fator econômico quantitativo e as sensações são um fator qualitativo. As sensações não causam as fantasias porque no psiquismo não há evidência de causalidade extrínseca a ele próprio. As

fantasias inconscientes se instalam já como efeitos psíquicos (sem causas) e suas âncoras imprescindíveis

psíquico – plano puramente metapsicológico. A fantasia inconsciente que inclui o impulso

As sensorial corporais são o marco zero de onde parte a fantasia inconsciente. Tudo que é vivido no corpo vai, ao mesmo tempo e sem relação causal, produzindo marcas e traços nas relações psíquicas.

são as sensações corporais. Ora, como então as fantasias inconscientes poderiam ser, em seu momento inaugural, justamente uma representação ideativa? Muito ao contrário, nesse momento elas expressam o que é experimentado numa relação pática de objeto concretamente vivido. A dimensão pática não se identifica jamais a um plano de significações. Sendo sua natureza anterior à formação do eu, ela é, portanto, não-discursiva e a-significante.

Mesmo que Isaacs tenha escrito com todas as letras a palavra “conteúdo”, referindo-se às fantasias inconscientes, o mais importante de sua concepção não está no que essa palavra designa, mas está em propor a fantasia como a organização básica do *start* psíquico. Nada existe como psíquico antes da fantasia inconsciente. Não nos esqueçamos de que a pulsão é um conceito limite entre o somático e o

pulsional, não: ela é uma noção muito mais clínica que implica o conceito metapsicológico de pulsão.

As sensações corporais são o marco zero de onde parte a fantasia inconsciente. As sensações produzem incômodos e satisfações; tudo o que o recém-nascido vive no corpo não tem para ele qualquer mediação através de imagens visuais ou plásticas. São vivências afetivas concretas. Por exemplo, a partir da sensação da fome no estômago, do ato de abrir e fechar a boca a vivência da fome é psiquicamente transformada e registrada como ataques doloridos a seu corpo. Tudo que é vivido no corpo vai, ao mesmo tempo, e sem relação causal, produzindo marcas e traços nas relações psíquicas.

O que eu acho mais criativo e decisivo na concepção de fantasia inconsciente é que se o recém-nas-

cido tem fantasias orais sádicas, por exemplo, isso não acontece porque ele participou de uma situação objetiva prévia de devorar, morder, cortar, dilacerar que então se constituiu numa representação. O que está em questão é, sim, uma espécie de inteligência inerente aos impulsos corporais, que são veículos das pulsões e que são pré-pessoais e a-subjetivos. Uma pulsão parcial oral implica uma expressão através do impulso de morder a fim de buscar sua satisfação e, nesse caso, faz isso através do órgão boca. A tendência de morder, tanto quanto a de chupar e lamber, é própria ao caráter e à direção do impulso oral e dos afetos que ele suscita. Claro que, daí em diante, a criança passará a dispor de imagens visuais, auditivas, cinestésicas, táteis etc. para seu fantasiar cada vez mais elaborado.

André Green, ao estudar o afeto, atribui à fantasia inconsciente kleiniana uma importância exclusiva no trabalho de simbolização. Ele reafirma a fantasia inconsciente como a menor elaboração psíquica, na ausência da qual não há meios de processar o trabalho de simbolização. Para ele, ela é um misto entre afeto e representação por natureza indiscerníveis, sem, contudo, ser um conteúdo de imagem representativa. A fantasia inconsciente desfruta o estatuto de atividade pulsional primária, livre de um referente originário. Ao contrário, é ela que funda o isso.

Quando Freud descreveu o isso, ele lhe atribuiu impulsos pulsionais tendentes à descarga, mas considerou que nessa instância não havia representação. A representação estaria na órbita do eu e corresponderia aos tipos imagem ou palavra. Portanto, algo já bastante elaborado. Para Green, os impulsos pulsionais misturados, tendentes à descarga e postulados por Freud, contêm não apenas o fator quantitativo como também o fator quali-

tativo na medida em que o par tensão-descarga está submetido ao princípio de prazer-desprazer e prazer e desprazer são qualidades. Daí sua idéia de uma simbolização primária produzida pela fantasia inconsciente. Aquém disso já não se trata do universo psíquico, mas da ordem do soma; e além está a ordem do eu, que conta com a linguagem e que implica um tipo de simbolização secundária. Assim que entre a ordem do soma e a da linguagem encontra-se a ordem das pulsões e da fantasia inconsciente – ordem inaugural do psiquismo. Claro que, a depender do que se passe, a simbolização primária pode se perder ou, inversamente, conquistar uma diferenciação simbólica secundária.<sup>7</sup>

Gilles Deleuze vasculhou a questão da diferença e da repetição:

Por trás de uma fantasia há outra,  
e atrás da outra, ainda uma outra, e assim  
por diante, sem qualquer modelo  
referente. O único referente são as pulsões  
parciais e dispersivas.

ao se deter nos conceitos filosóficos de simulacro e fantasma afirmou que a repetição é anterior à repre-

sentação. A repetição primária e a representação têm naturezas diversas: a repetição primária é primária/primeira porque diz respeito a um campo gerador ilimitado e sem forma onde relações de força criam intensidades virtuais. Ou seja, ela é a pura insistência pulsional dispersiva. A representação diz respeito à sucessão das atualizações desse campo virtual. Sobre a ordem das profusões pulsionais imediatas é que o recalque primário faz sua marca e, nesse ato, ordena a fantasia na ausência de qualquer organização prévia. A pura insistência pulsional atualiza-se no modo da fantasia: fantasia-se ao se compor e só se pode compor ao fantasiar. Sendo assim, o que pode existir para ser descoberto por trás da fantasia? Por trás de uma fantasia há outra e atrás da outra ainda uma outra e assim por diante sem qualquer mo-

delo referente. O único referente são as pulsões parciais e dispersivas... De maneira que, anterior ao

recalque secundário, o que se repete é o ato de diferenciar/fantasiar: ato de conexão, sem mediação, entre impulso e objeto parciais.<sup>8</sup>

Toda essa passagem pela questão da fantasia inconsciente como aquilo que não supõe um referente da ordem da representação se justifica através da tentativa de processar uma maneira de discriminar a gênese primária do sentido da organização secundária da significação.

A contribuição de Deleuze encontra-se diretamente aí. A significação, junto com a designação e a manifestação, faz parte da ordenação da linguagem, à qual, inclusive, pertence o conjunto de significados de uma língua e onde grassa a representação. Mas uma dimensão primeira funciona em sua base: a organização do sentido. Aquele que fala o faz instalado no campo do sentido e, desde essa posição, atualiza as outras três dimensões da linguagem.<sup>9</sup> Acontece que instalar-se no campo do sentido é exatamente percorrer o trajeto da psicosexualidade, ultrapassando o estado de concretude cor-poral, compondo experiências constitutivas do *self*, diferenciando o eu e conquistando o processo de simbolização, sem jamais suprimir o campo pulsional como referente da vida psíquica.

Esse trajeto reveste uma tentativa psicanalítica de distinguir uma forma em movimento, sempre em trânsito, que tangencia o eu, mas que lhe é prévia e fora de seus domínios – área do sentido – e, num outro plano, ao mesmo tempo, um recorte ou uma forma estruturada, em condições de nomeação e de apresentação conceitual pelo eu – área da significação. A conjunção entre ambas as áreas implica o processo de simbolização.

O que é quase mágico na clínica é o instante-já da passagem do

sentido através da expressão lingüística do eu. O sentido, então, se atualiza na linguagem, sem se confundir com ela. Nesse momento a palavra pode significar o sentido que,

## NOTAS

1. Cf. Bion, W. R., (1961) *Experiências com Grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo*; trad. Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: EDUSP, 1975.
2. Cf. especialmente Bion, W. R., (1962) *Aprendendo*

O que é quase mágico na clínica é o instante-já da passagem do sentido através da expressão lingüística do eu. O sentido, então, se atualiza na linguagem, sem se confundir com ela.

em geral, lhe escapa, mas, nem agora, pode deter em suas significações o movimento insistente do sentido que passa. ■

*de la Experiencia*; trad. Haydeé B. Fernández. Barcelona: Paidós Ibérica, 1977.

3. Meltzer, D., (1976-78) *O desenvolvimento kleiniano III: o significado clínico da obra de Bion*; trad. Cláudia Bacchi. São Paulo: Ed. Escuta, 1998, p. 63.
4. Pelbart, P. P., *O tempo não-reconciliado – Imagens de tempo em Deleuze*, tese de doutoramento. USP/SP, 1996, p. 218.
5. Cf. Freud, S., (1933) “Nuevas Lecciones Introductorias al Psicoanálisis”, BN Vol III; AE Vol. XXII.
6. Cf. Isaacs, S., (1943 [1948/1952]) “A Natureza e a Função da Fantasia” in *Os Progressos da psicanálise*; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
7. Cf. Green, A. (1973) *O Discurso Vivo: a conceitualização psicanalítica do afeto*; trad. Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
8. Cf. Deleuze, G., (1968) *Diferença e Repetição*; trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
9. Cf. Deleuze, G., (1969) *Lógica do Sentido*; trad. Luiz R. Salinas Fortes, São Paulo: Perspectiva, 1974.